

**GEORG SIMMEL:
a modernidade e o corolário da cisão cultural**

**GEORG SIMMEL:
modernity and the corollary of cultural split**

**GEORG SIMMEL:
modernidad y el corolario de la división cultural**

Sylvana Kelly Marques da Silva

Doutora em Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFPR. Pesquisadora e Professora Adjunta na Universidade Federal do Maranhão. Realizou Doutorado Sanduíche na Universidade de Washington (EUA) no Henry M. Jackson School of International Studies - Latin American and Caribbean Studies, sobre orientação do Professor Jonathan Warren. Mestre em Turismo (UFRN), na área de concentração: Turismo, Desenvolvimento regional/local e Gestão. Especialista em Gestão e Estratégia de Marketing. Foi bolsista da CAPES, em decorrência da primeira colocação no processo de seleção do mestrado e doutorado. Integrante do projeto de pesquisa Novas Rotas do Turismo Religioso no RN e Festas Religiosas: Perspectivas e desafios das políticas de turismo religioso no estado do Rio Grande do Norte. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura (GEPEMADEC), na linha de pesquisa 1: Imaginário Cultura e Meio Ambiente, da UFMA/Campus de São Bernardo. Participa na "Rede de Pesquisa em Turismo Religioso - NE" com o sub-projeto integrado "Entre o Desenvolvimento e a Pandemia: caminhos para o Turismo Religioso no Baixo Parnaíba Maranhense".

E-mail: sylvana.kelly@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5839-4562>

Luiz Demétrio Janz Laibida

Estágio Pós-Doutoral em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (2016), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (2007), Graduação em Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2003), Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2005) e Especialização em Gestão e Inovação em EaD pela FESP-PR (2014).

E-mail: luizdemetrio10@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4174-1838>

RESUMO

O texto traz uma reflexão sobre a crise da cultura moderna sob o olhar de Georg Simmel, com foco nas chaves interpretativas do autor para se operacionalizar o conceito de cultura nos dias atuais, uma vez que há um

esgotamento do termo. Contrapõe-se aos ideais modernos caracterizados por uma ótica positivista na conceituação da cultura. Confirma a cultura em duas esferas distintas, subjetiva e objetiva; que se retroalimentam e formam uma unidade. Simmel, expõe os dilemas da modernidade ao indicar a tragédia /crise decorrente da cisão na percepção dos indivíduos da objetivação da dimensão subjetiva da cultura, essa interpretação é suprimida da compreensão individual. Esse é um dos nós górdios que o ocidente precisa desatar. Também, expõe a significativa transformação que a ideia de cultura sofre na transição entre a sociedade rural para a urbana. Simmel estabelece as dicotomias das ações humanas no momento em que há uma separação do produto cultural em relação ao seu criador, percebe que isto marca a transformação do contato interior dos indivíduos com a realidade exterior, com prejuízo ao conteúdo pessoal e emocional e com a sistematização de formas fluídas nas relações interpessoais. Em resposta constrói-se relações pessoais de reserva, estranhamento e despersonalização nos indivíduos.

Palavras-chave: Simmel. Crise. Modernidade. Cultura Objetiva. Cultura Subjetiva .

ABSTRACT

The text brings a reflection on the crisis of modern culture from the perspective of Georg Simmel, focusing on the author's interpretative keys to operationalize the concept of culture in the present day, since there is an exhaustion of the term. It is opposed to modern ideals characterized by a positivist perspective in the conceptualization of culture. It confirms culture in two distinct spheres, subjective and objective; that feed back and form a unit. Simmel exposes the dilemmas of modernity by indicating the tragedy/crisis arising from the split in individuals' perception of the objectification of the subjective dimension of culture, this interpretation is suppressed from individual understanding. This is one of the Gordian knots that the West needs to untie. It also exposes the significant transformation that the idea of culture undergoes in the transition from rural to urban society. Simmel establishes the dichotomies of human actions at the moment when there is a separation of the cultural product in relation to its creator, he perceives that this marks the transformation of the inner contact of individuals with the outer reality, with prejudice to the personal and emotional content and with the systematization in fluid ways in interpersonal relationships. In response, personal relationships of reserve, estrangement and depersonalization are built in individuals.

Keywords: Simmel. Crisis. Modernity. Objective Culture. Subjective Culture.

RESUMEN

El texto trae una reflexión sobre la crisis de la cultura moderna desde la perspectiva de Georg Simmel, centrándose en las claves interpretativas del autor para operacionalizar el concepto de cultura en la actualidad, ya que hay un agotamiento del término. Se opone a los ideales modernos caracterizados por una perspectiva positivista en la conceptualización de la cultura. Confirma la cultura en dos esferas distintas, subjetiva y objetiva; que se retroalimentan y forman una unidad. Simmel expone los dilemas de la modernidad al indicar la tragedia/crisis que surge de la escisión en la percepción de los individuos de la objetivación de la dimensión subjetiva de la cultura, interpretación esta suprimida de la comprensión individual. Este es uno de los nudos gordianos que Occidente necesita desatar. También expone la significativa transformación que sufre la idea de cultura en el tránsito de la sociedad rural a la urbana. Simmel establece las dicotomías de las acciones humanas en el momento en que se produce una separación del producto cultural en relación con su creador, percibe que ello marca la transformación del contacto interior de los individuos con la realidad exterior, en perjuicio de lo personal y afectivo, contenido y con la sistematización de manera fluida en las relaciones interpersonales. En respuesta, se construyen en los individuos relaciones personales de reserva, extrañamiento y despersonalización.

Palabras clave: Simmel. Crisis. Modernidad. Cultura Objetiva. Cultura Subjetiva .

INTRODUÇÃO

Georg Simmel, intelectual alemão que dedicou sua obra a problematizar distintos elementos nas relações sociais e a influência destes na esfera individual, desenvolve suas análises na Alemanha, nos entremeios dos séculos XIX e XX, imerso em um momento nevrálgico do período que cunhamos por modernidade: nas singularidades que surgem com o ritmo acelerado da experiência urbana.

É um teórico social clássico. Nas palavras de Noberto Bobbio (2000, p. 114) para garantir um lugar entre os clássicos, um pensador deve obter reconhecimento nestas três eminentes qualidades: “deve ser considerado como tal intérprete da época em que viveu, sua obra é imprescindível para se conhecer o ‘espírito do tempo’; deve ser sempre atual, no sentido de que cada geração sinta necessidade de relê-lo” e, ao fazer, dedica-lhe uma nova interpretação; deve ter elaborado categorias gerais de compreensão histórica das quais não se possa dispensar para “interpretar uma realidade mesmo distinta daquela a partir da qual derivou essas categorias e à qual as aplicou”.

É no sentido exposto, que utilizamos as palavras de Bobbio, para demonstrar a atualidade de Georg Simmel, tendo em vista que esse autor, multifacetado, de pensamento universal, nos dá chaves para interpretações históricas e sociais atuais, profícuas para a operacionalização do conceito de cultura, em um momento em que vivenciamos o esvaziamento do termo por intermédio do seu uso recorrente e não crítico. A cultura vem sendo tratada como algo óbvio, de significado comum: seja por agentes culturais, promotores da cultura, políticos ou até mesmo intelectuais que a abraça como objeto de pesquisa. As concepções que embasam o conceito de cultura na contemporaneidade estão atribuídas a uma universalidade comum, a uma amplidão de noções urgentes de serem questionadas, uma vez que esvaziam o conceito, impedindo a sua operacionalidade.

Simmel analisa o contexto cultural moderno, escapando aos ideais que influenciaram a base das teorias modernas, passíveis de indicar uma concepção evolucionista do conceito de cultura, sobretudo, ao delinear a significativa transformação que a ideia de cultura sofre na transição entre a sociedade rural para a urbana. Ao descristalizar o conceito e pontuar suas esferas distintas, cria chaves interpretativas às ações humanas no que tange a

separação do produto cultural em relação ao seu criador. É o que marca uma transformação do contato interior dos indivíduos diante da realidade exterior, resultando na dissolução do conteúdo pessoal e emocional através da sistematização de formas fluídas nas relações interpessoais. Isso constrói, comportamentos de reserva, estranhamento e a despersonalização do indivíduo. O resultado é que tais comportamentos direcionados por formas individuais da existência proporcionadas, também, pela especialização excessiva na divisão do trabalho, são sistematizadas pela predominância do espírito objetivo sobre o espírito subjetivo, incidindo na mecanização das ações e transformação do sujeito em mero meio quantificável, esvaziado do conteúdo da sua dimensão cultural.

Esses são alguns dos problemas suscitados por essa ruptura, com repercussões pessoais e sociais nocivas para a humanidade. Em um sentido mais amplo, a objetivação da cultura subjetiva não apreendida relega questões importantes referente às dinâmicas das dimensões humanas, camufla a diversidade e a complexidade da cultura subjetiva, dando o monopólio das relações humana à racionalidade objetiva, que de modo simbólico e cognitivo alcança condição dominante na hierarquia social. Nessa perspectiva, o que se coloca como desafio atual: a compreensão do conteúdo cultural dessa cisão e a construção de modos de reintegração das dimensões culturais nas esferas individuais, com privilégio ao humano. É notório que, das perspectivas modernas, a negligência às dimensões subjetivas e pessoais e a independência da cultura objetiva, tem sido um dos grandes nós górdios que o ocidente enfrenta.

Tal debate é central para diversas áreas de pesquisa e atuação com a cultura. De um modo geral muitos campos visam melhorar as condições de vida das pessoas partindo da premissa da cultura, nesse viés, a crítica favorece reflexões e novas possibilidades.

Iniciamos esse artigo com uma breve biografia do autor. Na sequência, explanamos como Simmel captou determinadas relações que auxiliam na compreensão do modo pelo qual a modernidade se organiza diante da noção da cultura. Tendo em conta a cultura como uma categoria histórica estruturada por meio das relações socioespaciais vivenciadas no cotidiano, o teórico entende que o conceito da cultura é operacionalizado na relação das suas dimensões objetivas e subjetivas que se retroalimentam, se cultivam, se correspondem entre si criando uma unidade.

Logo, apresentamos como Simmel observa a dimensão subjetiva se exteriorizar, ou por assim dizer, se concretizar na objetividade da cultura de modo exacerbado, construindo o que chamamos de cisão na compreensão das esferas culturais enquanto unidade da cultura, o que reverbera em fraturas no campo das relações sociais, responsáveis por prejuízos ao conteúdo pessoal/coletivo.

Por fim, compreendemos que para Simmel o fio condutor capaz de desatar esse nó górdio está no direcionamento a uma dimensão interior do indivíduo com favorecimento a reflexões que conectem a cisão estabelecida nas percepções entre a cultura objetiva com a subjetiva. Esse é um modo de organizar novas formas de experimentar a realidade baseada na vivência da experiência humana, não na indiferença. Claro está, que a teoria de Simmel, não é único caminho de análise das nossas relações, sabemos que tem os seus atalhos, entretanto, é uma organização do processo de elaboração da nossa época, do qual não podemos prescindir para verificar e compreender historicamente a realidade de um contexto cultural que se pretende apreender.

NOTAS SOBRE GEORG SIMMEL

Georg Simmel nasceu no ano de 1858, em um dos centros nevrálgicos de emergência da economia capitalista ocidental: o cruzamento da Leipziger com a Friedrichstrasse, em Berlim. O espaço em constante transição o fez gozar de uma experiência singular, uma vez que cresceu acompanhando as intensas vibrações culturais e tecnológicas impostas pela industrialização e pela formação do Estado Nacional Alemão. Observou a transformação “de uma cidade grande para uma metrópole na virada do século 19” (FRISBY, 1986, p. 35).

Foi o primogênito do casal Eduard Simmel e Flora Bodstein, prósperos comerciantes de origem judaica, posteriormente, convertidos ao protestantismo. Cedo ficou órfão, mas a herança familiar lhe garantiu o conforto e as condições de estudo por longo tempo. Casou em 1890, com Gertrud Kinel, autora de alguns livros filosóficos sob o pseudônimo de "Maria Louise Enckendorf" (STECHEER, 1995).

Simmel é considerado um clássico nas Ciências Sociais ao lado de Max Weber (1864-1920), Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917) e foi, também, um dos fundadores da Sociologia na Alemanha, visto a quantidade de estudos sociológicos e filosóficos culturais que desenvolveu para a compreensão da modernidade. Frisby (1984, p. 46) o descreve como ‘sociólogo da modernidade’. Todavia, se expressa como sendo filósofo no sentido germânico do termo, “alguém universal, que não é especialista em um campo, mas olha a partir de vários campos as questões sociais” (RÜDIGER, 2021). Ou seja, Simmel explorava os fragmentos da vida moderna a fim de compreender por meio dos fenômenos individuais os aspectos macros da sociedade (BÜRGI, 2003). Apesar da vasta contribuição, principalmente no que tange as interações entre os indivíduos e a sociedade, a filosofia da vida e da cultura, entre outras questões que expõe os dilemas da modernidade, sua obra ainda carece de destaque.

Sobre a sua trajetória acadêmica, iniciou-se em Berlim, estudou história e chegou a filosofia através da psicologia, tentou o doutorado mas teve seus temas rejeitados. No ano de 1881, conseguiu o título do doutorado com o trabalho "A natureza da matéria segundo a monadologia física de Kant" pela Universidade de Berlim. A conquista desse título, que por si só singulariza e confere prestígio ao indivíduo, ainda mais em tal período histórico, não facilitou sua trajetória, a herança familiar sim, essa o deu o suporte financeiro necessário para continuar atuando sem estabilidade e sem prestígio institucional em grande parte da sua vida em Berlim (STECHEER, 1995).

No ano de 1900, foi nomeado como Professor Extraordinário na Universidade de Berlim. Em contraponto aos fracassos institucionais é interessante ressaltar que Georg Simmel era um docente concorrido, com a sala de aula lotada, abordava uma amplitude de temas que captava um público entusiasmado, e mesmo, em sua época, tendo alçado ampla atividade publicitária, o que inclui obras traduzidas para o francês e o inglês, o que o fez conquistar certo sucesso enquanto docente, a sua vida acadêmica continuou atravessada por embates, dificuldades e superações. Entre eles, enfrentou os vários preconceitos que povoavam o sistema universitário prussiano, até mesmo o do fantasma do socialismo (BÜRGI, 2003). A criatividade que o circunscrevia e o estilo ensaístico das suas obras, quase literário, incomodava a academia, que vislumbrava o rigor da escrita científica. A sensibilidade da sua obra exige uma forma

artística, uma estética no comunicar, que ao criar eco sempre incomoda. Isso lhe fechou algumas portas.

Somente no ano de 1914, já com 56 anos de idade, Simmel foi convidado a ocupar uma cadeira de professor titular na Universidade de Strasburgo. Quatro anos após assumir a cátedra (1918) Simmel morre de câncer no fígado (BÜRGI, 2003). Max Weber (2011, p. 27), ao discorrer sobre a ciência como vocação, inspira-se na tortuosa trajetória acadêmica enfrentada por Simmel afirmando que “por mais intensa que seja essa paixão, por mais sincera e mais profunda, ela não bastará, absolutamente, para assegurar que se logre êxito”.

Simmel, também, trouxe consigo o encargo de ser clandestino em sua própria terra, por isso descreve tão bem o estrangeiro na cultura moderna. Neto de estrangeiros judeus, sentiu o preconceito semita no seu ambiente profissional sendo um estranho em seu próprio ninho. Abaixo, alguns relatos direcionados a Georg Simmel e traduzidos pelo autor Heinz Stecher (1995), na obra *George Simmel zur Einführung* de Wener Jung (1990). Nesse estudo Jung esclarece que para Wilhelm Dilthey, primeiro professor titular da faculdade de filosofia de Berlim, a sociologia de Simmel cheirava ao socialismo. Outro exemplo, abarcado na tradução de Stecher é sobre o resultado do concurso ao qual Simmel se submeteu para professor de filosofia da Universidade de Heidelberg. Nela o avaliador e historiador berlinense Schäfer, fez o seguinte apontamento:

Ele fala muito espaçado, as palavras saem como gotas. Ele oferece pouco conteúdo, mas bem preparado e arredondado. Isto é bem recebido em determinados e, por vezes, numerosos grupos aqui em Berlim. As suas palestras são assistidas por um, mesmo para Berlim, grande contingente de mulheres. Além disso, o público oriental, os aqui residentes e os que chegam a cada semestre como os novos estudantes dos países orientais, representam um outro grupo muito grande chegado a Simmel. A maneira dele se assimila ao gosto deste público. Não se leva muita coisa positiva de suas palestras, mas um ou outro estímulo, uma ou outra provocação e um prazer intelectual transitório, sempre são bem vindos (JUNG, 1990, p. 15-16 *apud* STECHER, 1995, p. 182).

No último relato observamos a advertência para que não seja oferecido “ainda mais espaço à visão de mundo defendida por Simmel, ela é contrária à ‘nossa formação clássica-cristã’, além do que este espírito já tem na universidade” (STECHER, 1995). O que vemos é uma rejeição a qualquer abertura nas concepções hegemônicas priorizadas na época por seus pares. Qualquer fenda no ‘*continuum*’ processado no ambiente universitário é colocada em questão, o medo e o preconceito existente colocam Simmel à margem. As concepções

conservadoras descrevem as vivências acadêmicas que vão desde as demandas religiosas, pelo fato de Simmel ser descendente de judeu, até o preconceito pelos ideais socialistas que se erguem contra a exploração do capital. De acordo com o estudo citado, fica claro o desprezo pelas mulheres e imigrantes que se reuniam para escutar o estudioso, sendo esses utilizados, inclusive, para menosprezar a atuação do docente.

O público diverso tem um motivo, significa que a obra do Simmel extrapola os debates ortodoxos da universidade, está demarcada pela interação social que ocorre nas metrópoles, pela diversidade que se cruza diante da vida moderna, pelo encontro com o outro, com a alteridade, com o estrangeiro, nem sempre bem-vindo, aliás, na maioria das vezes interpretado com desconfiança. Mesmo tendo sido um estudioso margeado em sua época, é um pensador que os herdeiros proliferam desde então. Sua escrita é atual, dá direcionamentos críticos para a compreensão de quem somos e como chegamos a ser de específicos modos.

Pouco propenso, como ele mesmo afirmou, a encerrar a plenitude da vida em um sistema simétrico, deixou como obra, cerca de 30 livros e 250 artigos (WAIZBORT, 2006). Se mantendo de maneira implícita, em vários autores e, parece ter previsto essa condição, quando em um dado momento da sua escrita afirmou que sabia que morreria sem herdeiros espirituais e sua obra assim como o dinheiro se espalharia em várias mãos, porém não deixaria rastros.

Sei que irei morrer sem herdeiros espirituais (e é bom que seja assim). Meu espólio é como uma herança em dinheiro vivo, que é dividida entre muitos herdeiros: cada um converte a sua parte em alguma aquisição de acordo com a sua natureza, de modo que não se pode enxergar a sua proveniência (WAIZBORT, 2005, p. 590).

Como relata os estudiosos de Simmel, sua obra em muitos aspectos prolonga Marx e antecipa Weber (VANDENBERGHE, 2005). “Pode-se dizer que a Filosofia do Dinheiro não teria sido escrita se não houvesse sido precedida de O Capital, poder-se ia talvez acrescentar que Economia e Sociedade de Weber, dificilmente teria sido escrita sem a Filosofia do Dinheiro” (VANDENBERGHE, 2005, p. 131), um dos seus mais importantes livros, publicado em 1900. De outro modo, a tragédia da cultura não teria sido anunciada por Simmel, sem a influência do Nietzsche, que já chamava a atenção para a crítica da cultura. Esse é o lócus das análises que Simmel expõe, um local de complexos estímulos entre os indivíduos, em que a racionalidade científica, considerada a mola mestra do momento, muitas vezes é contraditória ao que se esperava dela.

MODERNIDADE E A CULTURA EM GEORG SIMMEL

Define-se “modernidade” como um estilo, costume de vida ou organização social que emerge a partir do século XVII, na Europa e que ulteriormente tornou-se, em certos aspectos, mundial em sua influência (GIDDENS, 1991, p. 11). A modernidade surge pelo domínio do ocidente em várias partes do globo, junto com a ideia de um tempo/espaço circunscrito por mudanças, transformações e deslocamentos possíveis pelo uso do capital e investimento nas tecnologias. É um período de legitimação das fronteiras, ao mesmo tempo em que incentiva as trocas, favorecendo uma grande interação e um alto nível de fluxos interpessoais. Ainda, produz uma centralização e homogeneização dos sentidos nas relações sociais no âmbito da dominação e do poder. A modernidade estruturou um modelo de civilização que se universalizou regido pela racionalidade, pela privatização do bem comum e acumulação do capital, além de ter o racismo e o patriarcado como base.

Já a conceito de cultura, tem um percurso semântico bem mais amplo, polissêmico e complexo, constituindo-se em um grande desafio para quem pretende cruzar por suas cearas. Essa complexidade se dilatou de tal modo que o conceito perdeu em operacionalidade. Isso quer dizer que, nos dias atuais, o uso ampliado e frequente do termo fez com que esse adquirisse uma obviedade que o naturaliza, fazendo com que a cultura seja percebida como existente por si só. Todavia, o conceito de cultura é histórico, delimitado e seus usos devem ser problematizados.

Em termos gerais a cultura é apreendida como “mentalidade”, “espírito”, “ideologia”, “tradição”, modos de vida”, etc., o que está ligado a história da palavra, que acompanha a transição da vida rural para a urbana. Cultura deriva do cultivo da terra, da natureza, da lavoura, isso a partir do século XVIII. Posteriormente, é abarcada como cultivo dos homens, em que pesa a característica peculiar de significar a distinção dos grupos, como ocorre na França iluminista e não se restringe a esse país. Posteriormente, ganha difusão como representação de uma atividade que surge por meio de uma troca contínua entre natureza e trabalho. Nesta troca formas de vida são construídas, orientadas e transformadas em uma dinâmica interativa com o local de vivência, aqui desenvolve-se a ideia de cultura como

identidade (EAGLETON, 2000). No capitalismo avançado, a interação da cultura com o mercado se dá com a atribuição do valor simbólico a determinadas produções materiais e imateriais, com características de específicos locais ou grupos, capazes de serem inseridas em uma cadeia de comércio (BURITY, 2007).

Em resumo, existe um tripé que apoia os aspectos mais usuais do conceito da cultura, organizados na modernidade: 1) a cultura como civilidade; 2) a cultura como identidade e; 3) a cultura como comércio.

No que se refere a Simmel, foi um dos primeiros estudiosos a fazer a crítica da cultura na era moderna. Ao analisar as dinâmicas da vida no contexto moderno chama a atenção para um aspecto central: a necessidade de liberdade das amarras com as quais a sociedade, até então, atuou no indivíduo. Liberdade essa, almejada, mas que não se transforma em um elemento representativo de condição de desenvolvimento e de aperfeiçoamento individual, em outras palavras, a liberdade vivenciada não cultivou o indivíduo civilizado. No que concerne as ditas liberdades, uma vez posta em prática, com a mediação da racionalidade, do progresso técnico e do dinheiro, constitui-se uma autocontradição (SIMMEL, 2006).

Fragmentado em suas relações sociais o indivíduo moderno perde o contexto macro da situação que o envolve, com grande influência do progresso técnico, que diante da velocidade e da evolução e posse dos conteúdos faz com que esses mesmos indivíduos experienciem uma vida mecanizada (RÜDIGER, 2021). Para o autor, a euforia que envolve essas liberdades camufla o comprometimento dessas associações nos indivíduos, que perdem a capacidade de discernir o sentido base das suas ações, no aspecto em que as produções culturais tornam-se autônomas diante da capacidade produtiva e reflexiva de quem as cria. Nesse cenário, o processo civilizador (ELIAS, 1994) favorece a produção de mais e mais objetos mediados pelo progresso técnico que acaba por constituir-se por meio de estruturas coercitivas, visto que ao mesmo tempo em que liberta o indivíduo, logo o aprisiona. Nas palavras de Simmel:

O espantoso crescimento em extensão e intensidade da técnica moderna que não se restringe às esferas puramente materiais, prende-nos em uma rede de meios e meios de meios que nos desvia dos fins que julgamos específicos e definitivos, através de um número cada vez maior de instâncias intermediárias” (RÜDIGER, 2008: p. 162 *apud* SIMMEL, 1992: p. 272).

A vida organizada assim, por instancias intermediárias, imputa a cultura no mundo moderno. Cultura essa, que para Simmel (2005; 2004) se traduz em uma forma de

aperfeiçoamento do ser humano por intermédio da incorporação dos sentidos dos bens produzidos pela criatividade humana, ou por melhor dizer, pelo processo criador do sujeito. Nesse interim que o indivíduo se cultiva, quando consegue inserir no seu desenvolvimento pessoal os bens objetivados por meio do processo criador. Quando o indivíduo não consegue se apropriar do teor dos bens produzidos, quando capta somente conteúdos soltos, reduzidos, fragmentados, ele não se apropria da cultura. Cria-se a tensão na cultura moderna, uma vez que a técnica se constitui em tecnologia de auto reprodução, com a propagação de conteúdos culturais não necessários e desvinculados da compreensão humana.

Em termos práticos, a cultura é resultado desse processo de socialização humana, criada como resultado da exteriorização objetiva do seu fluxo interior subjetivo, fluxo esse que há em todos nós. Objetiva-se ao exteriorizar-se em objetos, artefatos, práticas ou ações com conteúdo que expressam essa subjetividade (SIMMEL, 2005c). Como a cultura é uma construção de formas, um resultado da vida, produz uma força reativa destinada a conter os impulsos vitais por meio de um impulso criativo objetivado, ao se objetivar restringe a força do instinto vital que lhe deu origem. Exteriorizado, os produtos da cultura moderna impõem-se enquanto esfera independente ao se apartar da sua significação de mediador, acolhendo em si todos os conteúdos espirituais presentes e passados, torna-se inchada e a tal ponto hipertélica, de modo que o indivíduo se encontra esmagado pela sua amplitude (SIMMEL, 1988).

A esta categoria pertence o fato de a máquina ter se tornado muito mais inteligente do que o trabalhador. Quantos trabalhadores – mesmo excetuando-se aqueles da grande indústria propriamente dita – poderiam, hoje, entender a máquina na qual eles trabalham, isto é, entender o espírito investido na máquina? Nada diferente disso se encontra na cultura militar. O que cada soldado tem a realizar permanece, há muito tempo, essencialmente inalterado, e, por intermédio da forma moderna da estratégia da guerra, chegou a diminuir, por outro lado, houve o aperfeiçoamento incessante, não apenas dos instrumentos desta estratégia moderna de guerra, mas especialmente de tudo que é oposto à organização da tropa baseada nos indivíduos, de modo que estes se tornaram um verdadeiro triunfo da cultura objetiva. E, no âmbito puramente mais espiritual, os homens eruditos e mais dados a reflexão também operam assim, com respeito a um número sempre crescente de representações, conceitos e proposições cujo sentido e teor eles conhecem apenas parcialmente (SIMMEL, 2005b, p.44).

O conjunto de bens culturais objetivos produzidos pelo homem proliferou de tal maneira, a ponto de se tornar inabarcável para os diferentes indivíduos. A incorporação desses bens culturais produzidos – a cultura subjetiva – tanto em seus aspectos quantitativos, como qualitativos, aparece como um ente estranho a determinados indivíduos. Cria-se um confronto

na cultura que dá aos bens culturais uma aparência de “ser autônomo”, como se funcionassem por meio de regras próprias ou de lógicas internas a si. A independência do produto cultural junto com a divisão do trabalho engendram esferas de valores que favorece um processo de alienação no indivíduo, não só nos aspectos econômicos, mas uma alienação nos aspectos gerais da cultura humana – o que autonomiza as objetivações humanas das produções culturais em sentido amplo, dando conteúdo à tragédia da cultura moderna (SIMMEL, 1988).

Todavia, é importante destacar que para Georg Simmel a cultura não é cristalizada, a sociologia do Simmel parte de uma perspectiva relacional, de uma categoria de interação entre os sujeitos e suas produções no mundo, uma perspectiva que vai além do mundo social, engloba o mundo em geral em constante processo. A sua abordagem é conhecida por categoria de interação circular, visa acima de tudo compreender a vida social a partir de uma visão relacional da conexão dos indivíduos entre si. Ou seja, a unidade consiste na interação das partes, que devem estar em relação mútua; assim, não há um centro totalizante que organiza os elementos do mundo em um processo unilateral, ao contrário, os processos de socialização funcionam em um efeito mútuo que um elemento provoca sobre o outro.

Assim sendo, ao amadurecer o seu debate, compreende que a tragédia da cultura surge da crise da cultura, na medida em que se vive um momento de insubordinação da vida contra a cultura e de desintegração das estruturas culturais, essa dinâmica cria conflitos capazes de indicar um novo cenário em que a figura da cultura pode vir a ter um outro significado, o que Simmel não chega a delinear (RÜDIGER, 2008).

COROLÁRIO DA CISÃO CULTURAL: CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS NO INDIVÍDUO

“O problema verdadeiramente prático da sociedade reside na relação que suas forças e formas estabelecem com os indivíduos”, isso porque o indivíduo é próprio da sociedade, do mesmo modo que é um reflexo do seu próprio eu, existe assim uma contraposição entre o todo e a parte, em que o indivíduo muitas vezes se vê violado (SIMMEL, 2005b, p. 83). Vale ressaltar, que não se trata de uma oposição entre a sociedade e o indivíduo, uma vez que essas categorias só podem ser pensadas em um conjunto de relações se dando entre os

indivíduos (SIMMEL, 2005b). As crenças que surgem colocam o indivíduo em oposição a sociedade no sentido em que, essa passa a exigir níveis de especialização do ser humano que o coloca atrofiado e destituído do seu ser, são crenças que nascem da disjunção entre os aspectos da cultura objetiva e subjetiva (SIMMEL, 2006).

Na obra do Simmel a cultura objetiva se realiza com os objetos criados pelos indivíduos em estágio de evolução e, a cultura subjetiva se realiza no grau de desenvolvimento interior que esses mesmos indivíduos alcançam. Se esses indivíduos servem à produção de objetos da cultura objetiva considerados válidos em si mesmo, e ao mesmo tempo não se apropriam desses objetos para o seu próprio desenvolvimento, uma vez que não dão organicidade as suas criações, estão reduzidos em seu processo de qualificação para alcançar a elaboração subjetiva que constitui o sentido da cultura, construindo assim uma tensão na dinâmica cultural. “Livres na matéria sem forma, ou presos a uma forma enquistada não experimentamos liberdade, não somos: trágica se torna a tragédia” (MARQUES, 2011, p. 135).

Para Simmel (2005d), o desenvolvimento avançado da cultura na vida moderna, em sua multiplicidade constante de relações, traz também diferentes implicações psicológicas para os indivíduos. Considerando que a sociedade moderna é um momento singular, como todos na história, Georg Simmel a descreve como um cenário que encerra implicitamente a formação anterior dos indivíduos e todo o seu passado, por meio de especificidades que passam a ocorrer no processo de interações entre sujeito e objeto, no qual a vida é perpassada por dois grandes símbolos: a metrópole e o dinheiro, que integram-se agindo como os instrumentos principais das mais sutis engrenagens em nossa sociedade. São símbolos que traçam e desenvolvem relações entre os fenômenos mais diversificados da vida individual e social.

Nesse fluxo de meios que emergem na cultura moderna, desprovido de fins, surgem estilos de vida em relação profunda com a emergência das grandes cidades, juntamente com o fortalecimento da economia monetária. O estímulo econômico e a metrópole ligam-se a divisão do trabalho, a racionalização das relações entre outras dimensões que vão ao encontro de um ritmo moderno ocidental fragmentário, nervoso, fugídio, efêmero e causador da cisão entre as culturas subjetivas e objetivas. Nesse âmbito, coloca-se em lugar privilegiado o domínio da racionalidade, embora o local desta embace a visão, como resposta o sujeito torna-se

“indiferente a tanta diferença, indiferente às qualidades das coisas, já tudo se vê baço, se vê dinheiro, se vê esvaziado” (SIMMEL, 1976, p. 77).

O dinheiro é central na análise moderna, porque mesmo sendo despojado de conteúdo e de qualidades, ajusta-se nas relações de modo líquido por conferir possibilidade, poder e potência. Todavia, o dinheiro só tem seu sentido de fato quando exerce a sua função de ser um meio de troca, uma ponte entre as pessoas e os objetos. É nesse viés que o significado do dinheiro une-se com o do poder, como este, o dinheiro é uma pura potência que acumula uma mera antecipação subjetiva do futuro na forma de um presente objetivamente existente (SIMMEL, 2005b). Analisando a obra de Simmel, Rüdiger (2008, p.03), coloca que ‘a constelação formada pelas diversas esferas da vida moderna move-se de maneira centrífuga, mantendo-se coesa meramente pela circulação monetária. O que imputa na cultura moderna o predomínio dos meios sobre os fins.

Observemos o caso do avarento e do esbanjador (SIMMEL, 2009); o ávaro acumula dinheiro e, com isso, poder; acumula então a eterna possibilidade, a potência para uma ação não exercida. Na acumulação do dinheiro cruza-se a expectativa entre o desejo e a realização. Deste modo o dinheiro é a potência para todas as possibilidades, mas, depois de utilizado, no instante seguinte a potência e as possibilidades desaparecem. O ávaro acumula potência e conserva certeza, sempre acumulada e nunca realizada. Nunca usar é o seu fim, pois ao negar o dinheiro como meio o coloca como fim. Já, o seu oposto, o esbanjador vive o instante de gastar em objetos. Na descontinuidade dos gastos feita de instantes, não lhe resta nada além do que o prazer de gastar. Gasta e não repousa no conteúdo do objeto, não experimenta as propriedades do que adquire, compra e logo esquece. Comprou e já não possui, não frui. Em ambos, há a negação do fim; o seu fim é negar fim. Traduzindo assim a tragédia da cultura, que está no predomínio dos meios sobre os fins (SIMMEL, 2009).

O predomínio dos meios sobre os fins emergem com a economia monetária, como chamada por Simmel, não é apenas uma forma de produzir mercadorias, porém é um fenômeno que se espalha sobre as relações sociais, até onde dificilmente, poderíamos supor a sua presença. Seus efeitos sobre a vida social têm as grandes cidades como uma espécie de palco, que direciona a novas condutas, que constitui um novo tipo de vida e que confere suas características

mais marcantes: o intelectualismo e a calculabilidade por um lado e a indiferença por outro (SIMMEL, 2005d).

Segundo o autor, o indivíduo passa a se relacionar com os novos espaços/tempo de maneira dinâmica, móvel e instável. Insere-se em um contexto em que a vida dos sujeitos, passa a preencher-se por meio de operações matemáticas, de estimativas, de cálculos, de contabilizações entre perdas e ganhos, de valores quantitativos e racionais em detrimento das atitudes coletivas, mais apaixonadas, impulsivas, emocionais e subjetivas. Portanto, uma redução dos envoltórios em que o indivíduo tenha que arcar com maiores comprometimentos emocionais ou que precise dispor de mais ânimo; tornando-o cada vez mais individualizado.

A metrópole desenhada e constituída através de uma perspectiva racionalizada tem como centro a ideia de exatidão e a competição que passam a impregnar o ser humano e lhe confere um novo ritmo, próprio da nova temporalidade e estímulos que lhe são impostos, um ritmo nervoso e ansioso em comparação aos instintos, um ritmo que prioriza as faculdades intelectuais em detrimento das relações pessoais. Um ritmo de vida que aumenta a necessidade da objetividade para avaliação do desempenho, da previsão e das regularidades (SIMMEL, 2005d).

Para o convívio nesse espaço, intenso de estímulos nervosos os habitantes são levados a desenvolver tipos de proteções contra o desenraizamento ao qual estão expostos: Evitam reagir com a alma, priorizam a “consciência”, mais distante das profundezas da personalidade. A reação aos fenômenos é transferida desse modo, para o órgão menos sensível buscando preservar a vida subjetiva contra o poder avassalador da metrópole, evitando uma desestabilização emocional. O que torna a mente moderna mais calculista e intelectualista em total interação com a economia monetária (SIMMEL, 2005d).

Das implicações “do desenvolvimento avançado da cultura para a experiência psicológica dos indivíduos, caracterizada por intermédio da objetificação dos vínculos e da onipresença do dinheiro”, Simmel expõe três principais aspectos em suas análises que são resultados da cultura moderna nos indivíduos: o caráter blasé, a intelectualização das relações e das reações e o caráter de reserva. (SOUZA & OELZE, 2005d, p.8).

Segundo Simmel podemos entender essas consequências psicológicas, como um resultado do desenvolvimento da cultura moderna interconectada a experiência dos indivíduos nas grandes cidades, primeiro: o caráter do intelectualismo como sendo o enfraquecimento das relações de ânimo, das relações emocionais fundamentadas na individualidade emocional das pessoas, em favor das relações de entendimento que contabilizam os seres humanos e interessam-se no relacionamento das suas capacidades consideradas objetivas; na sequência, o caráter do blasé como sendo a objetivação das relações no sentido de torná-las mais impessoal diante dos diferentes estímulos favorecidos pela cultura moderna, “resultado dos estímulos contraditórios impostos aos nervos que consiste na perda de eficácia do poder de discernimento” (SIMMEL, 1976, p. 18).

Mas, se na sociedade moderna origina-se um estilo de mundo onde os fluxos e os estímulos se intensificam de maneira acentuada, se o distanciamento que se constrói nas relações assumem um caráter reativo, vale lembrar que na concepção simmeliana há a dialética relacional e nesse direcionamento o distanciamento e a reserva atinge um grau de antipatia que “preserva da indiferença e da sugestibilidade indiscriminada” (SIMMEL, 1976, p. 19). Pois, se o metropolitano respondesse aos mesmos estímulos da maneira que os habitantes de uma cidade pequena respondem, ficariam atomizados.

Assim, o que parece dissociação é uma das formas elementares de socialização nesse espaço emergente. Essa situação que se molda como característica negativa, tem seus aspectos positivos, no sentido que se desenvolve uma facilidade de compreensão intelectual entre pessoas divergentes, uma tendência a conciliação, ideias como a de paz, respeito, união mundial surgem como consequências positivas do traço negativo do dinheiro. A condução das relações nesse terreno objetivo que abre espaço para a conciliação, não é um aumento de impulso, mas um refinamento e controle deste.

A concepção do Georg Simmel é a de que a objetivação das relações, característica das cidades grandes, como locus privilegiado da sociedade moderna, com suas relações pautadas mais pelo intelecto do que pelas relações de ânimo constroem uma objetividade impiedosa. A dificuldade de fazer valer a própria personalidade nas dimensões da vida na cidade grande faz com que o indivíduo agarre-se à particularização qualitativa, a fim de ganhar por meio do excitamento da sensibilidade de distinção à consciência do círculo social: o que

conduz finalmente às mais tendenciosas esquisitices, às extravagâncias específicas da cidade grande, como o exclusivismo, os caprichos, o preciosismo, cujo sentido não está absolutamente no conteúdo de tais comportamentos, mas sim em sua forma de ser diferente, de se destacar e, com isso, de se tornar notado (SIMMEL, 2005d).

Ao mesmo tempo, que a esfera da autonomia e liberdade individual é desenvolvida, já que haveria menos coerção, típica de pequenos grupos sociais. Essa liberdade permitiria o surgimento dos indivíduos multifacetados capazes de expressar os mais diferentes aspectos da sua identidade a partir de uma inserção social mecânica, ditada pela circulação do dinheiro, com as relações humanas se desenvolvendo via mercado, de modo utilitário. As relações passam a se constituir como um reflexo das criações da cultura objetiva em que a subjetividade humana se funde a condições que lhes são externas, mas por meio de uma perspectiva que lhe parece própria.

O estímulo da liberdade, da individualidade, da autonomia nos que habitam a cidade moderna, cria códigos de conduta, comportamentos, estilos de vida que preservam tais aspectos psicológicos citados, ao mesmo tempo que os tornam possíveis. As cidades modernas atuam ainda colocando em contato as diferenças, por meio da relativização das indiferenças. Ou seja, entre constantes estímulos e novidades, a diferença acaba por se transformar em indiferença.

Ao soltar o sujeito das apertadas amarras da comunidade, a metrópole e o dinheiro trouxeram consigo maior liberdade individual, tornando tudo mais intenso e mais veloz, tornaram também mais rápido e impessoal o contato humano e as relações sociais, logo, mais superficiais. Toda essa dinâmica foi captada por Simmel por intermédio de uma ambiguidade da individualização na modernidade: uma maior liberdade individual caminha lado-a-lado com uma maior impessoalidade, objetivação e instrumentalização das relações sociais.

CISÕES MODERNAS: CULTURA SUBJETIVA E OBJETIVA

A modernidade imputa como uma característica cultural a aproximação com o outro, com o estranho, com o forasteiro. Origina o que Simmel (1908) denomina de estrangeiro: um indivíduo fabricado pela modernidade que integra a fronteira e a dispersão; o limite e a transcendência, importante ser destacado porque serve como metáfora do fragmento que

circunscreve a crise da cultura. Fracionada a cultura não cultiva ou liberta o indivíduo, mas o aprisiona no círculo das suas próprias construções, criando sombras nesse interior que o impede de ver o contexto macro do que criou, a reflexão é corrompida. O estrangeiro expressa a relação entre a parte e o todo na cultura moderna.

Observamos o exemplo do estrangeiro, é o indivíduo que sintetiza a proximidade e o afastamento do espaço, é o desprovido de terra no sentido próprio e figurado, é o que aparece na história econômica como um mercador, um viajante livre em suas práticas e teoricamente mais aberto, menos enraizado em seus julgamentos aos hábitos e as convenções (VANDENBERGHE, 2005). Mesmo quando é inserido em um grupo e passa a fazer parte desse grupo, realmente nunca o fez. O estrangeiro é a cisão, percebido em sua simplificação.

A aventura do estrangeiro, recortado das suas raízes, se distancia do ego normalizado e da direção da vida instituída, cria os riscos na experiência do cotidiano. Ao mesmo tempo que o moderno institui as suas fronteiras, identifica o ser, cria como resultado o outro, o externo, em fechamentos e aberturas que operam várias relações do mundo moderno. Como o estrangeiro seria bem-vindo? Ele representa a indiferença e a aventura a contragosto da racionalidade que surge baseada na ideia do *homo economicus*. A questão é que diante da visão turva ampliada pelos objetos que se exteriorizam através da cultura objetiva, existe uma dialética; ela está, por exemplo, nesse aventureiro que é fruto da mesma esteira que fabrica o *homo economicus*, assim como o aventureiro, o *homo economicus* nada mais é do que um indivíduo arrancado das suas próprias raízes.

Os indivíduos modernos reúnem em suas experiências o esvaziamento do conteúdo pela dimensão cultural. Estão expostos ao cultivo das dimensões objetivas, ao mesmo tempo em que se mantêm em déficit nessa relação por não estarem aptos a retirar desses mesmos objetos modos de aperfeiçoar suas vidas subjetivas. E, mesmo que a cultura objetiva não exista sem a cultura subjetiva, ou vice-versa, vivencia-se a separação do produto cultural em relação ao seu criador, tornando assim, independente a cultura subjetiva. Com a quebra da unidade cultural, amplia-se o sentido obtuso nas relações que não é mais compreendida em sua totalidade. É nessa ruptura e tensão constante de funções e formas que a cultura encarna o conflito da sua cisão e participa decisivamente desta construção no aspecto do domínio.

Organiza-se aí um labirinto de relações em que a vida, para Simmel, é tomada como um objeto de reflexão, na medida em que se vive uma confusão da vida contra a cultura. Vida essa que é força e forma, ação criadora e destrutiva, por isso precisa da forma para se manifestar, mesmo quando essa forma suprime a sua força. Nesse ponto, a filosofia da vida do Simmel alcança a sua extensão na filosofia da cultura, que encontra a sua especificidade na assimilação das formas objetivas para cultivar-se dos seus conteúdos subjetivos. Sendo a objetivação da cultura humana, tanto em seu aspecto prático, quanto teórico, necessária para tornar humano os sentidos dos indivíduos, também, para construir o sentido humano.

Para que ocorra a efetivação da cultura é necessário, então, que o espírito objetivado retorne ao sujeito para que este o incorpore, se cultive, tornando-se uma unidade desenvolvida. Nas palavras de Simmel (2005a, p. 79), a cultura é determinada pelo “caminho que sai da unidade fechada, passando pela pluralidade desenvolvida, chegando à unidade desenvolvida”. A unidade fechada é a alma, a subjetividade que cria suas produções, o espírito objetivado, os produtos culturais, e no ínterim dessas relações está o projeto civilizacional, a pluralidade desenvolvida.

A desintegração das estruturas culturais, fabrica um indivíduo esvaziado de conteúdo cultural. Nos referimos a alienação do homem diante da dimensão cultural, majoritariamente constituída pelas intercalações com o dinheiro moderno e a divisão do trabalho. O dinheiro aparece como um mediador que conecta e separa ao mesmo tempo as diferentes trocas; constitui seu caráter nas reservas que o indivíduo concede ao outro e com isso preserva a si mesmo estabelecendo um contato impessoal, principalmente, com os indivíduos e as coisas que ele não conhece. Essas características aparecem como uma consequência do caráter objetivador da cultura moderna, na contraposição entre a cultura subjetiva e a objetiva, acaba por surgir como uma reação a esse estado exacerbado de coisas.

Isso ocorre em sentido similar ao que se apreende na obra *O Capital* (Marx, 1975), o autor atribui um caráter místico as relações de trocas mediadas pelo dinheiro, notadamente pela sua dimensão convencional balizada nas formas substanciais iniciais que lhe visaram assegurar fé, uma vez que deixam de ser explícitas. Simmel (2004; 2005b) em a *Filosofia do Dinheiro*, acrescenta o poder da mediação do dinheiro em todas as esferas da vida humana, em

que se confunde os fins com o meio, em um complexo contexto teleológico de transferência sem começo e sem fim.

Dada as singularidades das obras, ambos delineiam, de acordo com a ligação que o indivíduo possui com o dinheiro, a independência da produção humana por meio do domínio do seu criador. Os bens culturais objetivos mediados pelo dinheiro se ampliam em progressões geométricas, o que torna seu conteúdo incompreensível para a maioria dos indivíduos. A modernidade existe na revolução e multiplicação permanente das suas produções saturadas de efemeridades, hipertrofiada e autônoma. Nelas o criador vira o refém da criação uma vez que as relações com as coisas assumem a forma da relação entre as coisas, em um viés de tensão entre verdade e ilusão; transparência e fantasmagoria. Em outras palavras a relação visível com a cultura objetiva torna-se uma relação alienada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Direcionamo-nos ao debate da cultura por meio das reflexões do filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel que discute o problema existente na cisão cultural no sentido da sua compreensão enquanto unidade constituída pelas esferas subjetivas e objetivas e que se retroalimentam na constituição da cultura. Para o estudioso, a cultura objetiva se aparta da cultura subjetiva diante da universalidade das relações modernas, balizando a objetivação da dimensão subjetiva da cultura. O debate é profícuo uma vez que encaramos a obsolescência do conceito como apto a ser operacionalizado para criticar a realidade existente. Devido ao seu uso abusivo o conceito de cultura enfrenta a naturalização e ao mesmo tempo o esvaziamento do seu sentido, em um contexto em que o mundo está perturbado por uma série de conflitos culturais.

A obra de Simmel, claramente influenciada por Nietzsche e Kant, mas com um aparato reflexivo que também considera Karl Marx e Max Weber, esforça-se por constituir uma conciliação entre as dimensões culturais na modernidade: a cultura objetiva, que designa objetos em estado de evolução; e a cultura subjetiva, referente ao nível de desenvolvimento interior que as pessoas alcançam. O autor entende que somente a alma humana conteria as potencialidades do desenvolvimento cujas finalidades são, necessariamente, determinadas por

uma intervenção externa e deliberada. Na cultura moderna essa intervenção externa se dá pela objetividade das relações, ou seja, os produtos construídos estão cada vez mais separados da espiritualidade subjetiva dos seus criadores, nesse aspecto, ele passa a ser integrado dentro de uma ordem exclusivamente objetiva. Ocorre, então, uma inversão das relações entre sujeito e objeto, em que o objeto passa a ter autonomia diante do seu criador. É neste instante que a cultura é dividida em duas esferas distintas por meio de uma cisão.

O resultado desta cisão está na produção do valor constituído na cultura que passa a ter uma esfera independente do seu núcleo gerador. As relações com o dinheiro, também, a especialização excessiva com a divisão do trabalho sistematizam a predominância do espírito objetivo sobre o espírito subjetivo, incidindo na mecanização das ações e transformação do sujeito em mero meio quantificável. Esse é um dos problemas suscitados por essa ruptura, com repercussões pessoais e sociais nocivas para a humanidade. Em um sentido mais amplo, a objetivação da cultura subjetiva relega questões importantes referentes às dinâmicas das dimensões humanas, sufoca a diversidade e a complexidade da cultura subjetiva, dando o monopólio das relações humanas à racionalidade, que de modo simbólico e cognitivo alcança condição dominante na hierarquia social.

A cultura transformada em uma espécie de produção cultural, que deixa de ser cultura em sua unidade, transforma-se em um elemento independente fetichizado em relação ao seu conteúdo. Constrói maneiras de se comportar, de ouvir, de dizer, de compreender a realidade que são simplificadas e efêmeras, apartadas da reflexão necessária para apreensão mais profunda do conteúdo cultural. O que nos coloca como desafio atual a compreensão dessa cisão e a construção de modos de reintegração da reflexão da dimensão cultural enquanto unidade retroalimentada nessas duas esferas, com privilégio ao humano; é notório que, das perspectivas modernas, a negligência às dimensões subjetivas e pessoais e a independência da cultura objetiva, tem sido um dos grandes nós górdios que o ocidente enfrenta.

Para Simmel, o fio condutor para desatar esse nó górdio estaria no redirecionamento a uma dimensão interior do indivíduo que favoreça a conexão da relação rompida da cultura objetiva com a subjetiva por meio da valorização da reflexão e do cultivo humano. O que acreditamos, favoreceria a organização de novas formas de experimentar a realidade baseadas na sociabilidade, na vivência, na experiência humana e não mais na indiferença. A teoria de

Simmel, nos dá um caminho de análise das nossas relações, sabemos que tem os seus atalhos, entretanto, é uma organização do processo de elaboração cultural da nossa época, com juízos éticos, estéticos e morais, do qual somos responsáveis e não podemos prescindir, visto que pode apontar para uma produção mais emancipadora da realidade, que leve em conta a pluralidade existente ao nosso redor.

Sabendo que a cultura é uma forma que estrutura e ordena as relações da vida, Simmel descortina as funções da cultura para que a sua tragédia expressa no divórcio entre a cultura subjetiva e objetiva possa ser reavaliada, com a cultura tendo outros significados, por intermédio do aperfeiçoamento dos sujeitos históricos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. Fragmentos de um discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil. *In: Teorias e políticas de cultura: visões multidisciplinares* (Org.) MARCHIORI, Gisele. Salvador: EDUFBA, 2007, p.13-23

BOBBIO, Norberto. **Teoria geral da política**. A filosofia política e a lição dos clássicos. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Formação do Estado e civilização. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1994

FRISBY, David P. **Georg Simmel's Theorie der Moderne**. In: Dahme, Heinz-Jürgen/Rammstedt, Otthein (Hg.): *Georg Simmel und die Moderne. Neue Interpretationen und Materialien*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1984, p. 9 – 79.

MARQUES. Francisco Miguel Bracons Felizol. **A tragédia da liberdade na filosofia do dinheiro de Georg Simmel**. Dissertação de Mestrado em Filosofia: Universidade de Lisboa, 2011.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

RÜDIGER, Francisco. Georg Simmel e a tragédia da cultura na era da técnica. In: **Revista FAMECOS**, 9(17), 2008, p. 161–169. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3161>

RÜDIGER, Francisco. Georg Simmel e a teoria da cultura. *In: Aula aberta da disciplina Teorias da Cultura no IHAC - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências*. Salvador: UFBA, 14/04/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=038NnSnB9EE>

RÜDIGER, Francisco. A tragédia da cultura na era da técnica: Georg Simmel. In: **Intexto**, v.1, n.5, janeiro/junho, Porto Alegre: UFRGS, 2008, p. 1-12. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/3381>.

SIMMEL, Georg. O Avaro e o Esbanjador. **Revista Política e Trabalho**, PPGCS/UFPB, n. 27/30, Tradução: MALDONATO, Simone Carneiro. Abril de 2009, p. 334-346.

_____. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução: CALDAS, Pedro. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **The Philosophy of Money**. Translated by BOTOMORE, Tom and FRISBY, David, 3^o edition, Routledge, 2004.

_____. O Estrangeiro. In: FILHO, Evaristo de Moraes; FERNANDES, Florestan (Orgs.). **Simmel - Sociologia**. Brasília: Editora Ática, 2005a.

_____. A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva. In: SOUZA, Jessé, OELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da UNB, 2005b.

_____. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé, OELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da UNB, 2005c.

_____. As grandes cidades e a vida do espírito. In: **Revista Mana**, n. 11 (2). Tradução de Leopoldo Waizbort do texto: *Die Großstädte und das Geistesleben*. In: SIMMEL, Georg Gesamtausgabe. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131. 2005d, p. 577 – 591.

_____. **La Tragédie de la Culture et Autres Essais**. Tradução Sabine Cornille & Philippe Ivernel. Paris, Edition Rivages, 1988.

_____. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

STECHER, Heinz. Georg Simmel: dinheiro, a solidez do efêmero. In: **Cad. CRH**. Salvador, n. 22, p. 185-191, jan/jun. 1995.

VANDENBERGHE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

WAIZBORT, Leopoldo. **As Aventuras de Georg Simmel**. São Paulo, ED. 34, 2006.

WAIZBORT, Leopoldo. Simmel no Brasil. In: **Dados – Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, vol. 50, no 1, 2007.

WEBER, Max. Política como vocação. In: _____. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Cultrix, 2011.